

# “A BIBLIOTECA”

## 1 Algumas definições sobre o conceito de Biblioteca

A palavra Biblioteca tem origem etimológica do latim “*Bibliotheca*” e este, por sua vez, do grego “*Biblion*”, que significa livro, e “*Theke*”, que significa caixa (*Biblion* + *Theke* = livro + caixa). Este termo originalmente referia-se à caixa ou móvel usado para guardar livros, mas também tem outras acepções, como por exemplo local ou edifício de guarda e conservação dos livros devidamente ordenados e dispostos para a sua leitura; instituição de preservação e memória dos saberes e do conhecimento público de natureza científica, cultural e tecnológica.

Como podemos definir uma biblioteca? Vários autores já o tentaram fazer, se não vejamos:

Segundo Umberto Eco, a biblioteca foi adquirindo várias funções ao longo da História, desde a biblioteca de Assurbanípal, passando pela de Alexandria, Roma, Conventos Beneditinos até à actualidade. No início, “talvez fosse uma função de recolha, para não deixar dispersos os rolos ou volumes. Mais tarde, creio que a sua função tenha sido de entesourar: eram valiosos, os rolos. Depois, na época beneditina, de transcrever: a biblioteca quase como uma zona de passagem, o livro chega, é transcrito e o original ou a cópia voltam a partir. (...) Talvez já entre Augusto e Constantino, a função de uma biblioteca seria também a de fazer com que as pessoas lessem (...). Mas depois creio que nasceram bibliotecas cuja função era de não deixar ler, de esconder, de ocultar o livro”<sup>1</sup>.

Contudo, estas bibliotecas que servem para esconder, também servem para fazer verdadeiros achados, “descobrir livros de cuja existência não se suspeitava e que, todavia, se revelam extremamente importantes”<sup>2</sup>. Facto que vai de encontro, segundo Eco, à função ideal de uma biblioteca que “é de ser um pouco como a loja de um alfarrabista, algo onde se podem fazer verdadeiros achados, e esta função só pode ser permitida por meio do livre acesso aos corredores das estantes”<sup>3</sup>, o que exige uma procura *in loco*, só possível pelo deambular nas estantes da Biblioteca.

Aliás, a biblioteca, para Eco, deve converter-se numa aventura. “Leio os jornais, desço até

---

<sup>1</sup> ECO, Umberto – *A Biblioteca*. Lisboa: Difel, 1987, p. 15, 16.

<sup>2</sup> Idem, *Ibidem*, p. 29.

<sup>3</sup> Idem, *Ibidem*, p. 29.

ao bar com alguns livros, depois vou à procura de outros, faço descobertas (...) engano-me no andar, entro numa zona em que não suspeitava que pudesse vir a entrar, de medicina, mas de repente encontro algumas obras sobre Galeno, portanto com algumas referências filosóficas”<sup>4</sup>. Deve, também, ainda ser “à medida do homem (...) alegre, com a possibilidade de tomar um café, com a possibilidade de dois estudantes numa tarde se sentarem num maple e, (...) consumarem parte do seu *flirt* na biblioteca, enquanto retiram ou voltam a pôr nas estantes alguns livros de interesse científico”<sup>5</sup>, portanto, uma biblioteca onde apeteça ir e passar o tempo livre.

Pode ser ainda uma “coleção organizada de livros e de publicações em série e impressos ou de quaisquer outros documentos gráficos ou audiovisuais, disponíveis para empréstimo ou consulta”<sup>6</sup>.

“Organismo ou parte de uma organização cujo objectivo principal é organizar colecções, actualizá-las e facilitar, através de pessoal especializado, o acesso a documentos que respondam às necessidades dos utilizadores nos aspectos da informação, educação e lazer”<sup>7</sup>.

“Considera-se biblioteca, seja qual for a sua designação, toda a colecção organizada de livros e periódicos impressos ou de quaisquer outros documentos, nomeadamente gráficos e audio-visuais, assim como os serviços do pessoal que facilita a consulta destes documentos pelos utilizadores, com fins de informação, investigação, educação ou recreio”<sup>8</sup>.

A biblioteca é um organismo constituído por diferentes serviços estruturados entre si e vocacionados para as necessidades do seu público-alvo, que alberga no seu espaço colecções documentais, as quais disponibiliza através dos seus variados serviços e das novas tecnologias de informação e comunicação, de modo a cumprir os objectivos para que fora criada, nomeadamente, o fornecimento de informação, educação, lazer e cultura.

No que diz respeito à UNESCO, esta afirma que uma biblioteca é uma colecção organizada de livros, impressos, revistas e outros materiais gráficos, audiovisuais, etc., com

---

<sup>4</sup> Idem, *Ibidem*, p. 32.

<sup>5</sup> Idem, *Ibidem*, p. 44, 45.

<sup>6</sup> FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. Dicionário do Livro. Lisboa: Guimarães Editores, 1988.

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>8</sup> FREITAS, Eduardo de – *As Bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1998. ISBN 972-8488-01-7. P. 149.

pessoal correspondente, por forma a facilitar os serviços aos utilizadores, segundo as respectivas necessidades de informação, investigação e educação.

A IFLA (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas) afirma que “as bibliotecas proporcionam acesso à informação, às ideias e às obras da imaginação. Servem como portas de acesso ao conhecimento, ao pensamento e à cultura. (...) Têm a responsabilidade de garantir e facilitar o acesso às expressões do conhecimento e da actividade intelectual. Com este fim, as bibliotecas devem adquirir, preservar e disponibilizar a mais ampla variedade de documentos, reflectindo a pluralidade”<sup>9</sup>.

Mas, uma biblioteca não se deve apenas limitar a adquirir, reunir, organizar, tratar, armazenar e conservar os fundos bibliográficos, deve também comunicar, difundir e estabelecer serviços aos leitores e utilizadores, para que estes entrem em contacto com as informações contidas nos fundos bibliográficos.

“As bibliotecas têm representado o tesouro do saber e da experiência humana acumulados, a sua preservação e a sua transmissão de geração em geração”<sup>10</sup>.

Para terminar este rol de definições devo dizer que a biblioteca tem sido ao longo dos tempos um “santuário da cultura, relicário cioso e protector do pensamento humano, baluarte sacrossanto da civilização, grande cloaca do conhecimento”<sup>11</sup>, peça fundamental da sabedoria, pois, sem ela não haveria ciência, tecnologia e cultura, ficando o nosso conhecimento preso na memória oral colectiva ou disperso em possíveis registos humanos, correndo o risco de perecer no esquecimento humano.

## **2 Algumas considerações gerais sobre o papel da Biblioteca Pública na sociedade actual**

Em consequência das mudanças tecnológicas operadas nas últimas décadas, tem-se vindo a

---

<sup>9</sup> IFLA [International Federation of Library Associations and Institutions] – Declaração da IFLA sobre as Bibliotecas e a Liberdade Intelectual [em linha]. [Consulta 25 Março 2005]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.ifla.org/faife/policy/iflastat/iflastat\\_pt.htm](http://www.ifla.org/faife/policy/iflastat/iflastat_pt.htm)>.

<sup>10</sup> SAMPAIO, Jorge – Conferência Internacional Bibliotecas Públicas: inventando o futuro [em linha]. [Consulta 25 Março 2005]. Disponível na Internet: <URL: [http://www.iplb.pt/pls/diplb/!get\\_page?xid=930](http://www.iplb.pt/pls/diplb/!get_page?xid=930)>.

<sup>11</sup> ECO, Umberto – *A Biblioteca*. Lisboa: Difel, 1987.

assistir a um cada vez maior desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), a tal ponto que actualmente podemos dizer que vivemos cada vez mais numa Sociedade de Informação. As manifestações desta sociedade “rodeiam o nosso quotidiano, afectam o comportamento das organizações e influenciam o pensamento estratégico das Nações”<sup>12</sup>.

Mas que sociedade é esta em que vivemos? O que significa afinal “Sociedade da Informação”? Esta expressão “refere-se a um modo de desenvolvimento social e económico em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas, desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais”<sup>13</sup>.

Como acabamos de ver a Sociedade da Informação conduz à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos. Mas, para que o cidadão veja as suas necessidades satisfeitas necessita de ter acesso à informação, que deve ser um valor inestimável de todos, e como tal deve estar disponível em organismos ou instituições públicas, às quais toda a gente possa aceder de forma rápida, eficaz e equitativa, ou seja, as Bibliotecas Públicas, até porque estas, “pela sua maior proximidade do cidadão, reflectem melhor as características das diferentes comunidades”<sup>14</sup>, devendo “fundar a sua integração prática em função das realidades (sociais, culturais, políticas, económicas...) do seu contexto próximo”<sup>15</sup>.

“A Biblioteca Pública, porta de acesso local ao conhecimento, fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o

---

<sup>1</sup> 2 *Livro Verde Para a Sociedade da Informação em Portugal*. Lisboa: Missão para a Sociedade da Informação, 1997, p. 7.

<sup>1</sup> 3 *Idem, Ibidem*.

<sup>1</sup> 4 MOURA, Maria José – Conferência Internacional Bibliotecas Públicas inventando o futuro. [em linha]. [Consulta: 25 Março 2005]. Disponível na Internet: <URL:<http://www.liberpolis.pt/liberpolis/Boletim%20Verao/1%C2%AApagina.htm>>.

<sup>1</sup> 5 FURTADO, José Afonso – As bibliotecas públicas, as suas missões e os novos recursos de informação. *Liberpolis*, n.º 2 (1999). Também disponível na Internet: <URL:[http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_2.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_2.htm)>. [Consulta: 25 Março 2005].

desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais”<sup>16</sup>.

Esta instituição pública é “o principal meio de dar a todos livre acesso ao tesouro dos pensamentos e das ideias humanas e às criações da imaginação do homem”<sup>17</sup>.

Por isso, cabe à biblioteca, como agente básico de uma sociedade democrática, capacitar o povo a desvendar o mundo, permitir o “acesso livre e sem limites ao conhecimento, ao pensamento, à cultura e à informação”<sup>18</sup>, através da leitura; de modo a construir cidadãos, instruídos, curiosos, críticos, com diversidade de ideias e opiniões, com independência e liberdade intelectual, capazes de exercer os seus direitos democráticos, de terem um papel activo na sociedade e de se manterem em permanente aprendizagem ao longo da vida, por forma a facilitar a sua inserção e a combater a exclusão do conhecimento ou info-exclusão, tornando-se uma biblioteca inclusiva (contra a exclusão).

Além disso, as Bibliotecas Públicas devem ser um direito de todos e para todos, logo devem disponibilizar os seus serviços “gratuitamente ou por uma quantia simbólica a uma colectividade nomeadamente regional ou local, dirigindo-se, quer ao público em geral quer a certas camadas da população, tais como crianças, membros das forças armadas, doentes internados em hospitais, presos, trabalhadores, etc.”<sup>19</sup>.

Deste modo, a biblioteca pública é o centro local de informação, e, como tal, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento de uma sociedade democrática, ao facultar aos cidadãos o acesso a um extenso e diversificado campo de todos os géneros de conhecimentos, informações, ideias e pensamentos, que possibilitam assegurar a diversidade, o pluralismo de interesses e de perspectivas, o espírito crítico e a tomada de consciência de problemas contemporâneos.

“Enquanto serviço público aberto a todos, a biblioteca pública tem um papel fundamental na recolha, organização e tratamento da informação, assim como na oferta do acesso a um

---

<sup>16</sup> *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas*. In *Bibliomédia revista*. Guimarães, (1) 1998, p. 44.

<sup>17</sup> FURTADO, José Afonso – As bibliotecas públicas, as suas missões e os novos recursos de informação. *Liberpolis*, n.º 2 (1999). Também disponível na Internet: <URL: [http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_2.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_2.htm)>. [Consulta: 25 Março 2005].

<sup>18</sup> *Idem, Ibidem*.

<sup>19</sup> FREITAS, Eduardo de – *As Bibliotecas em Portugal: elementos para uma avaliação*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais, 1998. ISBN 972-8488-01-7. P. 150.

vasto leque de fontes de informação”<sup>20</sup> e, sempre que possível, deve cooperar e fazer parcerias com outras instituições, nomeadamente escolas e empresas locais, no sentido de tirar o máximo partido dos recursos que disponibiliza aos utilizadores.

Sendo assim, “os objectivos base da biblioteca pública consistem em providenciar recursos e serviços através de meios variados para dar resposta às necessidades de indivíduos e grupos nas áreas da educação, informação e desenvolvimento pessoal, incluindo a recreação e o lazer”<sup>21</sup>.

O Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, “proclama a confiança que a UNESCO deposita na Biblioteca Pública, enquanto força viva para a educação, a cultura e a informação, e como agente essencial para a promoção da paz e do bem-estar espiritual nas mentes dos homens e mulheres”<sup>22</sup>.

Neste sentido, seguindo os critérios de ordenamento sugeridos pela Doutora Manuela Barreto Nunes, podemos agrupar as missões da Biblioteca Pública relacionadas com a informação, a alfabetização, a educação e a cultura do seguinte modo:

**a) Crianças e Jovens:**

- 3 Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças desde a primeira infância.
- 4 Estimular a imaginação e a criatividade das crianças e dos jovens.

**b) Informação:**

- 1 Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local;
- 2 Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse.

**c) Cultura:**

- 2 Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa;
- 3 Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas;
- 4 Possibilitar o acesso a diferentes formas de expressão cultural, das artes e do espectáculo;

---

<sup>20</sup> GILL, Philip – *Os Serviços da Biblioteca Pública – Directrizes da IFLA/UNESCO*. [Lisboa]: Editorial Caminho, 2003. ISBN 972-21-1567-7. P. 22.

<sup>21</sup> 1 Idem, *Ibidem*, p. 20.

<sup>22</sup> 2 *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas*. In *Bibliomédia revista*. Guimarães, (1) 1998, p. 44.

- 5 Fomentar o diálogo inter - cultural e a diversidade cultural;
- 6 Apoiar a tradição oral;

**d) Educação e Alfabetização:**

- 1 Apoiar a educação individual e a auto - formação, assim como a educação formal a todos os níveis;
- 2 Facilitar o desenvolvimento da capacidade de utilizar a informação e a informática;
- 3 Apoiar, participar e, se necessário, criar programas e actividades de alfabetização para os diferentes grupos etários<sup>3</sup>.

De modo a cumprir tais missões, a biblioteca pública deve unir as suas duas vertentes, a cultural e social, tornando-se num centro sociocultural, de leitura, informação, cultura, lazer, animação, sociabilização, ponto de encontro, divertimento e abertura, cujos serviços variados forneçam alternativas inovadoras aos utilizadores.

Como acabamos de ver a biblioteca pública tem uma dimensão social e cultural, neste sentido as suas funções devem passar por promover os hábitos de leitura e as competências de literacia; facilitar o empréstimo, o acesso à informação nos mais variados suportes e ao fundo documental; fomentar a consulta; apoiar os estudos locais, a autoaprendizagem e a educação formal; e oferecer um equipamento cultural e de lazer à comunidade.

De modo a atingir estas funções, a biblioteca pública “proporciona o acesso ao conhecimento, à informação e a obras criativas através de um leque variado de recursos e serviços e encontra-se à disposição de todos os membros da comunidade”<sup>4</sup>, nomeadamente serviços como o empréstimo de livros para crianças e adultos, serviços audiovisuais como discos compactos, cassetes, vídeos ou dvd’s; empréstimo interbibliotecário; consulta de materiais para aprendizagem aberta; leitura em presença de jornais, revistas, livros e fundo local; serviços de referência e boletins informativos; salas de estudo para trabalhos de grupo e consultas; actividades de lazer para crianças e jovens; visitas organizadas para escolas; informação à comunidade; serviços para minorias, com suportes especiais; acesso em linha para bases de dados; serviços externos, como a biblioteca itinerante; serviços de valor acrescentado como fotocopiadoras, faxes, impressoras; serviços virtuais, como o acesso à Internet. Todos estes serviços são coordenados por pessoal especializado em informação e pesquisa, de modo a prestar o devido auxílio e orientação ao utilizador, já que o “bibliotecário

---

<sup>3</sup> 3 Idem, *Ibidem*, p. 44, 45.

<sup>4</sup> 4 GILL, Philip – *Os Serviços da Biblioteca Pública – Directrizes da IFLA/UNESCO*. [Lisboa]: Editorial Caminho, 2003. ISBN 972-21-1567-7. P. 19.

é um intermediário activo entre os utilizadores e os recursos disponíveis”<sup>25</sup>.

A biblioteca pública deve ter uma dimensão multifacetada, que responda às necessidades e à procura dos vários grupos sociais, de modo a poderem aceder à informação de modo rápido, eficaz e equitativo, por forma a beneficiar dos serviços disponibilizados.

Contudo, uma questão se levanta: “estão as bibliotecas nos nossos dias em condições de satisfazer as necessidades cada vez mais exigentes e complexas dos seus utilizadores actuais e potenciais, numa época em que as TIC imperam e em que cada vez mais a Internet faz parte da vida quotidiana das pessoas?

“É certo que as bibliotecas públicas enfrentam o seu maior desafio de sempre, isso está bem longe de significar a sua marginalização e pode constituir a oportunidade de se tornarem mais relevantes do que nunca para a vida das pessoas”<sup>26</sup>. Pois, esta crescente Sociedade da Informação vai exigir por parte não só das bibliotecas, mas também dos seus bibliotecários, uma reflexão profunda, onde devem questionar-se, repensar o seu papel na sociedade e partir dessa reflexão para uma mudança de paradigma, com novas estratégias, ideias, atitudes, desafios e serviços voltados para as novas necessidades do público de modo a satisfazer uma realidade exigente e em constante mudança, como é a sociedade actual. Portanto, só tomando uma atitude realista, flexível, inovadora e adaptável à diversidade de circunstâncias se poderá criar uma biblioteca em que o utilizador é um agente dinamizador, construtor do seu próprio conhecimento, onde tudo é planeado para satisfazer as suas necessidades, bem como as de toda a comunidade onde a biblioteca está inserida, sem excepções.

A Sociedade da Informação trouxe consigo a necessidade de mudança por parte das Bibliotecas e uma nova forma de encarar o acesso à informação, pois, esta é uma sociedade que prima pelo saber. Deste modo, pode dizer-se que a “sociedade da informação corresponde, por conseguinte, a uma sociedade cujo funcionamento recorre crescentemente a redes digitais de informação”<sup>27</sup>. Logo, num país como Portugal, onde a esmagadora maioria da população escasseia de livros e o computador ainda não está acessível para muitos, “as

---

<sup>25</sup> 5 *Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas*. In *Bibliomédia revista*. Guimarães, (1) 1998, p. 45.

<sup>26</sup> 6 FURTADO, José Afonso – As bibliotecas públicas, as suas missões e os novos recursos de informação. *Liberpolis*, n.º 2 (1999). Também disponível na Internet: <URL: [http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_2.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_2.htm)>. [Consulta: 25 Março 2005].

<sup>27</sup> 7 *Livro Verde Para a Sociedade da Informação em Portugal*. Lisboa: Missão para a Sociedade da Informação, 1997, p. 7.

Bibliotecas Públicas podem e devem ser a porta aberta para o novo mundo da informação digital e multimédia, o ponto de acesso ao ciberespaço para aqueles que, por razões sócio-económicas e culturais, não têm, à partida, meios, para o fazer em casa”<sup>28</sup>.

Assim sendo, as Bibliotecas para se tornarem cada vez mais aptas a levar os novos meios de aquisição e transmissão de conhecimentos, e deste modo, responder às necessidades cada vez mais exigentes dos seus utilizadores, devem estar apetrechadas com novos equipamentos, computadores multimédia com ligação às redes electrónicas nacionais e internacionais, deixando, deste forma, de estar limitadas ao espaço físico tradicional, mas estendendo-se a um espaço global alargado.

Graças à digitalização e às telecomunicações podemos hoje vislumbrar-nos com uma Biblioteca universal, onde existem todos os livros e documentos, guardados em todas as bibliotecas do mundo que se encontrem em rede, e cujas funções também se assemelham às da Biblioteca tradicional, recolha, consulta, leitura e até mesmo a ocultação de informação. Pois, as TIC “desafiam as bibliotecas para novas mudanças que se traduzem no acesso a informação que não está fisicamente no edifício da biblioteca quer na própria produção de informação acessível a qualquer hora dentro da biblioteca ou fora dela”<sup>29</sup>.

As TIC permitem actualmente ao cidadão, no conforto do seu lar, comunicar, satisfazer as suas necessidades de informação e lazer e intervir no meio que o rodeia, uma vez que consegue adaptar a informação escrita, visual e auditiva, que adquiriu através das TIC, às suas necessidades, alterando, deste modo, o conceito de informação, já que é o próprio utilizador o construtor da sua informação.

Posto tudo isto, qual será no futuro o papel da Biblioteca Pública? A Biblioteca e os livros acabarão por perecer? A nosso ver, os novos meios tecnológicos não irão substituir a biblioteca, nem os livros, bem como outros meios tradicionais, mas sim acrescentar, ampliar as suas capacidades de responder às necessidades do público. Para tal é necessário seguir o que se afirma no Manifesto da UNESCO “as colecções e serviços devem incluir todos os tipos de suporte e tecnologias modernas apropriadas, assim como fundos tradicionais. É essencial que sejam de elevada qualidade e adequadas às necessidades e condições locais. As

---

<sup>28</sup> 8 Id *Ibidem*, p. 28.

<sup>29</sup> 9 CALIXTO, José – *As Bibliotecas Públicas Portuguesas: Transformações, oportunidades e desafios*. Conferência Internacional Bibliotecas Públicas: Inventando o Futuro. [em linha]. [Consulta 25 Março 2005]. Disponível na Internet: URL: <[http://www.iplb.pt/pls/diplb!/get\\_page?xid=930](http://www.iplb.pt/pls/diplb!/get_page?xid=930)>.

colecções devem reflectir as tendências actuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação. (...) Os serviços têm de ser fisicamente acessíveis a todos os membros da comunidade. (...) Tal implica igualmente serviços destinados àqueles a quem é impossível frequentar a biblioteca”<sup>30</sup>.

Contudo, para aproveitar os benefícios das TIC é essencial criar condições equitativas de acesso aos benefícios que estas geram, de modo a incentivar a participação dos cidadãos na vida da comunidade e, simultaneamente, combater os factores que conduzem a novas formas de exclusão do conhecimento, a info-exclusão, e possibilitar a igualdade de oportunidade para todos. Pois, a sociedade da informação é uma sociedade democrata, para todos, logo, o acesso à informação e ao conhecimento deve ser igualitário, sem discriminações, de modo a respeitar o Manifesto da UNESCO, que afirma que “os serviços da biblioteca pública devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou condição social”, assim como para “minorias linguísticas, pessoas deficientes, hospitalizadas ou reclusas”<sup>31</sup>. Para que isto se concretize é necessário que os computadores e redes digitais estejam acessíveis em locais públicos, como as bibliotecas, de forma a evitar a exclusão de todos aqueles que não dispõem de condições de acesso nos lares ou locais de trabalho, caso contrário corre-se o risco da bipolarização da sociedade entre os “info-ricos” e os “info-pobres”, ou seja, os que têm acesso à informação e os que não têm.

A democratização da sociedade do futuro passará pela possibilidade da grande maioria da população ter acesso às tecnologias de informação, mas também pela capacidade real de as utilizar, caso contrário só irá contribuir para aumentar ainda mais as desigualdades sociais. Para que tal capacidade se concretizasse “haveria de se instituir cursos, tal como sucede em relação à carta de condução, cursos de aprendizagem do respeito pelo livro, e da maneira de consultar o livro”<sup>32</sup> através das novas tecnologias. Portanto, haveria que por em prática cursos de info-alfabetização em paralelo com o apetrechamento dos estabelecimentos de ensino e centros de formação profissional.

A Biblioteca deste século deve ser “uma grande máquina tecnológica de informação cujas principais funções serão armazenar e disponibilizar informação digitalizada respondendo às solicitações dos indivíduos, mas sobretudo intermediar, agilizando o acesso através de um

---

<sup>3</sup> 0 Manifesto da UNESCO sobre Bibliotecas Públicas. In *Bibliomédia revista*. Guimarães, (1) 1998, p. 44.

<sup>3</sup> 1 Id *Ibidem*.

<sup>3</sup> 2 ECO, Umberto – *A Biblioteca*. Lisboa: Difel, 1987, p. 40.

tratamento especializado, a informação e as necessidades dos indivíduos”<sup>33</sup>.

Neste sentido, a Biblioteca do século XXI deve assumir novos papéis, tornando-se uma biblioteca híbrida, isto é, com espaços, serviços e colecções simultaneamente físicos e virtuais, em que as novas tecnologias de informação e da comunicação passam a ser a base do serviço e da interrelação com o utilizador; passando a oferecer ao cidadão um conjunto de informações que as novas tecnologias tornam disponível, mas já de forma tratada e seleccionada, possibilitando uma maior rapidez de acesso à informação.

“A biblioteca pública do amanhã, a trabalhar em rede, promoverá, desta forma, um conjunto de serviços ligados a quatro grandes áreas: educação e aprendizagem ao longo da vida; informação para a cidadania e para a acção; economia, formação e emprego; história e identidade das comunidades”<sup>34</sup>.

No entanto, quando a biblioteca assumir novos papéis e serviços isso não significa uma alteração das suas missões. O “facto de uma biblioteca passar a disponibilizar informação em suporte electrónico não decorre que a sua missão fundamental e "tradicional" de seleccionar, coligir e organizar informação, no sentido de ser disponibilizada à comunidade se tenha alterado substancialmente”<sup>35</sup>, o que se alterou foi os modos de funcionamento e a diversidade da gama de recursos disponibilizados à comunidade. Pelo que ambos os papéis e serviços, tradicionais e “modernos”, devem coexistir de forma integrada, no sentido de se complementarem mutuamente, pois, como defende Usherwood “a missão determinante da B.P. assenta na preservação do direito dos cidadãos à informação e às ideias, independentemente do seu suporte e processo de comunicação”<sup>36</sup>.

“A biblioteca pública deve continuar a fazer o que sempre tem feito - dar acesso ao

---

<sup>3</sup> 3 LEITÃO, Paulo – Integração e gestão das TIC nas Bibliotecas. *Liberpolis : Revista das bibliotecas públicas*, nº2, 1999. Também disponível na Internet: <URL: [http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_3.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_3.htm)>. [Consulta: 25 Março 2005].

<sup>3</sup> 4 Id *Ibidem*.

<sup>3</sup> 5 FURTADO, José Afonso – As bibliotecas públicas, as suas missões e os novos recursos de informação. *Liberpolis*, nº 2 (1999). Também disponível na Internet: <URL: [http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_2.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_2.htm)>. [Consulta: 25 Março 2005].

<sup>3</sup> 6 NUNES, Henrique Barreto – Bibliotecas para entender o mundo. *Liberpolis* (2001). [em linha]. [Consulta 25 Março 2005]. Disponível na Internet: <URL: <http://www.liberpolis.pt/liberpolis/Boletim%20Inverno%202001/sublinhados.htm>>.

material impresso - mas para além disso, deve proporcionar acesso aos novos média, incluindo *hardware*, *software* e redes e deve instruir os utilizadores no uso desses novos média”<sup>37</sup>.

Portanto, são vários os motivos para que a biblioteca tradicional permaneça por muitos e longos anos, embora actualizada à sua época e voltada para a sociedade que a acolhe, logo deve ir-se “dimensionando pouco a pouco à medida do homem, mas para ficar à medida do homem terá de dimensionar-se também à medida da máquina, desde a fotocopiadora até ao visor”<sup>38</sup>.

Pois, esta instituição pública é “o coração da comunidade”: “um recurso significativo para as crianças em idade escolar e para os estudantes adultos, e uma importante fonte de informação sobre carreiras e oportunidades de formação, (...) aumenta as oportunidades dos indivíduos em termos de educação e de hipóteses de emprego. Além disso a biblioteca pública ajuda a promover a coesão social e a autoconfiança da comunidade”<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> FURTADO, José Afonso – As bibliotecas públicas, as suas missões e os novos recursos de informação. *Liberpolis*, n.º 2 (1999). Também disponível na Internet: <URL: [http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_2.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_2.htm)>. [Consulta: 25 Março 2005].

<sup>38</sup> ECO, Umberto – *A Biblioteca*. Lisboa: Difel, 1987, p. 40.

<sup>39</sup> USHERWOOD, Bob – As T.I.C. e o impacto social das Bibliotecas Públicas. *Liberpolis : Revista das bibliotecas públicas*, nº2, 1999. Também disponível na Internet: <URL: [http://www.liberpolis.pt/revista/revista\\_9.htm](http://www.liberpolis.pt/revista/revista_9.htm)>. [Consulta 25 Março 2005].